

SESSÕES DO PLENÁRIO

18ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de abril de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO ANGELO CORONEL

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem póstuma ao ex-deputado Luís Eduardo Maron de Magalhães, proposta pelo deputado Adolfo Viana.

Convido para compor a Mesa o Sr. Proponente da sessão, deputado Adolfo Viana; o Sr. Secretário Municipal da Casa Civil, Luís Carreira, representante do prefeito da cidade do Salvador, ACM Neto; o Sr. Vice-Presidente, conselheiro Marcos Presídio, representante do presidente do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Gildásio Penedo Filho; o Sr. Luís Eduardo Maron de Magalhães Filho, filho do deputado Luís Eduardo Magalhães; a Sr.^a Viúva do deputado Luís Eduardo Magalhães, Michelle Marie Magalhães; a Sr.^a Presidente do Parque Social, Maria do Rosário Magalhães; o Sr. Vereador Paulo Magalhães, representante da Câmara Municipal do Salvador; o Sr. Chefe de Gabinete José Francisco Neto, representante do presidente do TCM, conselheiro Francisco Neto; a Sr.^a Defensora Pública Cristina Ulm, representante do defensor público-geral, Clériston Cavalcante de Macêdo; o Sr. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, Antônio Honorato, ex-presidente desta Casa; o Sr. Corregedor do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Inaldo Araújo; o Sr. Presidente da *Rede Bahia*, irmão do homenageado Antônio Carlos Magalhães Júnior. (Palmas)

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional Brasileiro.

(Execução do Hino Nacional Brasileiro.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Convido para compor a Mesa o Sr. Diego Luiz Castro, juiz do Tribunal Regional Eleitoral.

Assistiremos agora um vídeo com depoimentos da família, amigos e admiradores desse grande homem público, que Deus o levou precocemente, mas com certeza ainda deixou uma lacuna muito grande nos corações dos baianos.

(Apresentação do vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Registro as presenças dos deputados Alex Lima, Carlos Geilson, Fábio Souto, Leur Lomanto Junior, Luciano Ribeiro, Luciano Simões Filho, Marcell Moraes, Marcelo Nilo, Pablo Barrozo, Pedro Tavares, Reinaldo Braga, Sandro Régis e Tom Araújo. E também do ex-deputado e ex-presidente desta Casa Gaban, do ex-deputado Leur Lomanto, de Luciana Nascimento, esposa do deputado Elmar Nascimento. Registro, ainda, as presenças dos

empresários, que vieram prestar as suas homenagens, Marcos Moura, Luís Fernando Laranjeiras, Angelo Calmon de Sá, Adriano Rangel e José Mendonça; e também de Eleusa Coronel, presidente da Assembleia de Carinho.

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Dando sequência, vamos ouvir agora o proponente desta sessão, deputado Adolfo Viana, para prestar sua homenagem. (Palmas)

O Sr. ADOLFO VIANA:- Bom dia a todos.

Queria saudar o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Angelo Coronel; o Sr. Secretário Municipal da Casa Civil, Luiz Carreira, representante do prefeito da cidade do Salvador, ACM Neto; o Sr. Vice-Presidente e Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, Marcus Presídio, representando aquela Corte; o Sr. Luís Eduardo Maron de Magalhães Filho, meu querido amigo; a senhora viúva do deputado Luís Eduardo Magalhães, Michelle Marie Magalhães; a presidente do Parque Social, Sr.^a Maria do Rosário Magalhães; o Sr. Vereador Paulo Magalhães, representante da Câmara Municipal de Salvador; o Sr. Presidente da *Rede Bahia* e irmão do ex-deputado Luís Eduardo, Antônio Carlos Magalhães Júnior; o Sr. Chefe de Gabinete do Tribunal de Contas dos Municípios, José Francisco Neto, representante do presidente do TCM; a Sr.^a Defensora Pública Cristina Ulm, representante do defensor público-geral, Sr. Clériston Cavalcante de Macêdo; o Sr. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia Antônio Honorato – tenho muito orgulho de ser seu filho, e vale lembrar da grande amizade que o senhor tinha como deputado Luís Eduardo Magalhães; o Sr. Corregedor do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Inaldo da Paixão; o Sr. Juiz do TRE Diego Luiz Castro, que nesta solenidade representa o Tribunal Regional Eleitoral do Estado da Bahia.

(Lê) “Hoje a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia presta homenagem a um dos filhos mais ilustres do nosso estado, o saudoso deputado Luís Eduardo Magalhães, por ocasião do transcurso de 20 (vinte) anos da sua partida.

Filho do ex-governador e ex-senador Antônio Carlos Magalhães com Dona Arlette Magalhães, Luís Eduardo casou-se com Michelle Marie e com ela teve três filhos: Paula, Carolina e Luís Eduardo Filho, meu querido amigo que herdou não apenas uma notável semelhança física com o pai, mas também muito da sua inteligência e elegância.

Por força da grande amizade que sempre manteve com Luís Eduardo Filho, tive o prazer de estar com seu pai por alguns breves momentos.

Sempre afável, cortês e elegante, Luís Eduardo Magalhães possuía todas as características de um grande líder.

Não por outro motivo, seu pai – o saudoso senador Antônio Carlos Magalhães – chegou a dizer que ele tinha herdado todas as suas virtudes e nenhum dos seus defeitos.

A história da vida de Luís Eduardo Magalhães fala por si.

Elegeu-se deputado estadual em 1978, aos 23 anos de idade, dando início a uma carreira política brilhante.

Revelou-se desde muito cedo um político extremamente habilidoso, reelegendo-se deputado estadual por mais um mandato, quando se tornou, inclusive, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, no ano de 1983.

Esta Casa, Sr. Presidente, tem muito orgulho de um dia ter sido presidida pelo saudoso deputado Luís Eduardo Magalhães!

Em 1986, Luís Eduardo foi eleito Deputado Federal e rapidamente se tornou um dos políticos mais influentes do país, tendo coroado a sua brilhante trajetória política sendo eleito presidente da Câmara dos Deputados, em 1995.

Mesmo tendo uma clara visão liberal, Luís Eduardo nunca deixou de dialogar com aqueles que tinham uma visão oposta. Buscou sempre o caminho da composição e do entendimento, para evitar que as disputas políticas interferissem no desenvolvimento do país.

Apesar de ser filho de um dos maiores líderes políticos da história da Bahia, e um dos personagens mais influentes da história recente do Brasil, Luís Eduardo Magalhães sempre teve luz própria, construindo uma trajetória política independente e firme em suas ideias e convicções.

A credibilidade que construiu no meio político e perante a sociedade brasileira tinha uma razão central: Luís Eduardo Magalhães era um homem de palavra!

Ao longo de mais de 20 anos de vida pública, ninguém jamais ousou dizer que Luís Eduardo havia descumprido um acordo com quem quer que fosse.

Se empenhasse a sua palavra, todos sabiam que Luís Eduardo a cumpriria sob qualquer circunstância, ainda que tivesse que pagar um alto preço para mantê-la.

Até por isso, era querido e respeitado por todos, principalmente pelos seus adversários.

Quando se preparava para alçar voos ainda mais altos, no dia 21 de abril de 1998, aos 43 anos de idade, Luís Eduardo sofreu um infarto fulminante, deixando órfãos não apenas seus três filhos, mas milhares de baianos que aclamavam seu nome para assumir o governo do estado no ano seguinte.

Nunca uma letra de música fez tanto sentido quanto essa canção do Legião Urbana, no fatídico dia 21 de abril de 1998: *‘É tão estranho, os bons morrem jovens. É tão estranho, os bons morrem antes’*.

Luís Eduardo Magalhães foi, sem sombra de dúvidas, o maior e melhor político de sua geração.

A sua morte precoce atingiu em cheio não apenas os seus familiares e amigos, mas milhares de conterrâneos que depositavam nele a esperança de um futuro promissor para a Bahia e para os baianos.

A sua partida precoce foi muito bem definida por um grande amigo seu, Lula Laranjeira, que proferiu uma célebre frase ao falar sobre o falecimento de Luís Eduardo: *‘A gente acha que a esperança não morre, mas ele era a esperança e morreu tão cedo’*.

Mesmo após 20 anos da sua partida, a Bahia e os baianos continuam sentindo uma saudade imensa do deputado Luís Eduardo Magalhães!

Muito obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Registro as presenças dos deputados Hildécio Meireles, José de Arimateia; dos vereadores Tiago Correio, Francisco Rafael, de Ibiquera; Francisco Sena, presidente do Democratas, de Ibiquera; Elide Gaban, esposa do deputado Gaban; Maurício Stern e sua esposa Teresa; Victor Ventin; Cláudia Vaz, presidente do Instituto ACM.

E neste momento chega as minhas mãos uma correspondência do deputado Antônio Imbassahy, que me solicitou que a lesse nesta sessão.

(Lê) “*Excelentíssimo Senhor*

Angelo Coronel

Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia.

Prezado Presidente,

Cumprimento-o cordialmente ao tempo em que agradeço o convite para participar da Sessão Especial em Homenagem Póstuma ao ex-Deputado Luís Eduardo Maron Magalhães, a ser realizada nesta quarta-feira, às 10 horas. No entanto, em virtude da agenda da Câmara dos Deputados não poderei estar presente.

Parabenizo pela iniciativa de manter viva a memória deste grande brasileiro da Bahia que, embora tenha partido tão prematuramente, entrou para as páginas da história pelas suas relevantes contribuições ao país. Luís Eduardo Magalhães teve papel decisivo na aprovação das reformas estruturantes no governo Fernando Henrique Cardoso e que foram a base para modernização do Estado brasileiro. Também será sempre lembrado pela forma nobre com que praticou a política: como um instrumento de mudança, de buscar convergências entre divergentes, de respeito às posições contrárias e, especialmente, pelo extremo valor que dava ao cumprimento da palavra empenhada. É esse o legado que gostaria de ressaltar na sessão solene desta quarta-feira, mas, que, pelo motivo já apresentado, não terei a oportunidade. Contudo, o farei na Sessão Solene com o mesmo propósito que será realizada na Câmara dos Deputados no próximo dia 25 de abril.

Solicito ao ilustre Presidente que dê ciência ao Plenário dessa Casa do teor da presente carta.

Respeitosamente,

ANTÔNIO IMBASSAHY

Deputado Federal – PSDB/Ba.”

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Concedo a palavra, neste instante, ao vice-presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia e amigo dileto do ex-deputado Luís Eduardo, conselheiro Marcus Presídio. (Palmas)

O Sr. Adolfo Viana:- Peço licença só para quebrar o protocolo, Sr. Presidente, para fazer uma justa homenagem ao neto do deputado Luís Eduardo Magalhães. No meu pronunciamento faltou fazer essa saudação. Vejo que é um jovem que parece muito com o avô, e espero que tenha herdado também a vocação política, isso está no

seu DNA. A Bahia aguarda V. Ex.^a chegar para dar também uma grande contribuição a este estado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Protocolo quebrado, retorno a palavra a Marcus Presídio.

O Sr. MARCUS PRESÍDIO:- Bom dia a todos.

Em nome do proponente desta sessão, meu dileto amigo deputado Adolfo Viana, e do presidente desta Casa, Angelo Coronel, saúdo todos dessa Mesa.

Meus amigos e minhas amigas, o que me traz hoje aqui é a forte emoção que esta sessão traz dos fatos da minha vida. E não tem como separar a minha vida da passagem e da importância que o deputado Luís Eduardo teve nela.

Todos sabem da verdadeira e forte amizade que Fernando Presídio tinha com Luís Eduardo Magalhães.

Eu brinco com Lula Laranjeiras, aqui sentado, que até hoje é meu amigo, meu irmão, dizendo que eram amigos das vacas magras, Lula. E Fernando Presídio era um grande amigo de Luís Eduardo Magalhães.

Mas veio outubro de 1982, com aquele trágico acidente de helicóptero que tira a vida de muitas pessoas, e a de meu pai também. Era 1º de outubro de 82. Fica viúva Suzana Presídio, com três filhos. Meu pai tinha 43 anos de idade. Meu irmão aqui presente também sabe o que foi isso. E vocês, da família Luís Eduardo, também. Porque só sabe o que é isso quem passou por isso.

Só que minha vida, após isso, foi sempre muito abençoada. Luís Eduardo, Dudu, como minha mãe chamava, entrou lá em casa, talvez em final de outubro de 82, daquele ano e garantiu a ela: “Suzana, não se preocupe, você jamais ficará desamparada com seus três filhos.” E isso foi um alento no coração de minha mãe, minha mãe completamente nova e desamparada. E Luís Eduardo de certa forma nos adotou, Michele, você é testemunha dessa história.

Quando foi em março de 1983, eleito pela segunda vez deputado estadual, o deputado Luís Eduardo se torna presidente desta Casa e me convida a vir trabalhar nesta Casa como *office boy* na presidência que ele ocupava. Eu tinha acabado de fazer 15 anos de idade e fui, com muito orgulho, fazer parte da equipe dele.

E há uma passagem que trago na minha vida até hoje, que não posso esquecer, e que queria dividir com vocês. Um belo dia... a presidência era muito pequena, tudo funcionava em apenas um prédio, não havia ainda os anexos. E terminou o cigarro de Luís Eduardo Magalhães, o Charm que ele fumava. Então, a equipe muito reduzida, deputado Coronel, alguém tinha que comprar esse cigarro. E Manoelito, garçom que já era desta Casa, aqui presente, meu amigo até hoje, funcionário desta Casa, correu até a Sussuarana para comprar o cigarro Charm do deputado Luís Eduardo.

Nesse intervalo, só ficou a secretária. Neste momento, Maria Heli, me falha a memória se foi Socorro, Nelma, ou você própria. Todos saíram. Nesse intervalo, ele recebe algumas visitas e pede café e água. A secretária não tinha coragem nem de dizer a ele que o garçom tinha ido comprar o cigarro, a verdade era essa, porque o cigarro não podia faltar.

Então, eu ouvi aquilo e tive a iniciativa de eu próprio ir à copa, que é a mesma copa até hoje, da presidência e, da minha maneira, da minha forma, servir o cafezinho e a água. Botei na bandeja e adentrei à presidência. A secretária abriu a porta. Ele estava no sofá, sentado, recebendo algumas visitas, e me olhou. Tomou um susto. E eu senti um olhar meio esquisito. Naquele momento, já me tremi todo. E eu servi da minha maneira.

E na saída, na porta, quando eu ia saindo, achando que ele tinha me esquecido, ele disse: “Marcus...” Eu disse: “Pois não, presidente.” “Não saia da Casa sem falar comigo, preciso falar com você, você me espera até o final.” Pronto, para mim aquilo ali... achei que minha carreira tinha sido meteórica na Assembleia, muito curta. E esperei.

Ele, como só saía daqui muito tarde da noite, fez questão de me deixar lá. Entravam pessoas, saíam pessoas e eu lá, sentadinho, tremendo na base com o que é que ia acontecer quando ele me chamasse.

Lá, tarde da noite, ele me chama: “Chama Marquinhos aí!” E eu fui sentar na frente dele e, muito nervoso, obviamente, deputado Reinaldo Braga, fui pedir desculpas a ele. Eu falei: “Presidente, eu queria logo começar... pedir desculpa por ter feito... por ter servido o café, porque foi iniciativa minha, ninguém mandou eu servir café. Foi iniciativa minha ter feito aquilo”. Ele disse: “Eu não chamei você aqui para brigar com você, eu lhe chamei aqui para dizer o quanto estou orgulhoso de você”. E, aí, ele me disse uma frase que eu trago na minha vida até hoje: “Nunca sinta vergonha de fazer nada nesta vida desde que com dignidade”. Isso eu trago até hoje na minha vida. Isso era o ano de 1983. Orgulhoso que estava, continuei a estudar e ele a me vigiar.

Continuei minha carreira dentro desta Assembleia Legislativa. Quando foi em meados de 93, eu já funcionário desta Casa, obviamente tinha direito a algumas licenças-prêmio. Fui para os Estados Unidos estudar inglês. Já tinha alguns meses lá, minha mãe sabia da minha infelicidade lá, e disse: “Marcus, Dudu está aí com Michelle”. Não sei se Michele se recorda disso. Eu disse: “Sim, minha mãe. E aí?” Ela disse: “Vá ouvir ele, vá conversar com ele. Diga o que você está passando”. Eu disse: “Mas minha mãe...”. Ela disse: “Ligue. Eu vou ligar para Michele agora, vou avisar que você vai ligar e ele vai falar com você”.

E assim eu fiz. Peguei o telefone e liguei. Ele próprio atendeu o telefone no quarto do hotel: “Marquinhos, como é que você está? Como é que está o inglês?” Eu disse: “Não muito bom”. Ele disse: “Mas venha, vamos conversar”. E aí fomos passear pelo Central Park, conversando.

Vejam, senhores, isso era em 93 e Luís Eduardo já falava da necessidade, deputado Adolfo, de uma profunda reforma política em nosso país. Isso em 1993. Ele sempre foi à frente da sua geração. Ele sabia das necessidades que esse país já atravessava nos idos de 1993.

E eu contei a ele como eu estava. Ele olhou nos meus olhos e disse: “Você está feliz aqui?” Eu disse: “Não, de jeito nenhum!”. Então, ele disse: “Volte para a Bahia, que é o seu lugar”. E assim o fiz. Voltei para a Bahia. O então presidente, se não me

engano, era Antônio Imbassahy. E, daí, comecei novamente a carreira aqui dentro deste Poder.

Quando foi no ano de 1997, Deus manda uma luz em minha vida. Essa luz, senhores, chama-se Antônio Honorato de Castro Neto, aqui presente. Antônio Honorato tornou-se presidente desta Casa em 97 e me nomeou superintendente de Administração. Isso em 1997. Eu passei 18 anos nesta Casa como superintendente de Administração.

E aqui faço, de logo, um agradecimento ao presidente Gaban, com quem tive a honra de trabalhar; ao presidente Reinaldo Braga – também fui superintendente na gestão dele; e, em especial – não posso deixar de registrar jamais –, ao deputado Marcelo Nilo, que indicou meu nome para conselheiro do Tribunal de Contas do Estado.

Então, senhores, é com muita emoção que eu venho aqui, volto a esta Casa... passei 32 anos dentro desta Casa, passei por alguns cargos até chegar ao cargo de superintendente, onde fiquei por 18 anos e saí. Hoje, com muito orgulho, conselheiro Inaldo, faço parte do Tribunal que V. Ex.^a ocupa ao lado do conselheiro Antônio Honorato. A felicidade e o orgulho de Luís Eduardo ter feito parte da minha história.

Duquinho, me permita assim, na informalidade da sessão, lhe chamar, meu amigo do peito, lhe digo que onde esteja hoje Luís Eduardo Magalhães e Fernando Presídio, tenha certeza de que eles estão com muito orgulho. Nós vencemos, Duquinho, na vida, acima de tudo, não só profissionalmente, mas como seres humanos.

Muito obrigado a Luís Eduardo! Muito obrigado a todos!

Um beijo no coração de vocês, Michele.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Ouviremos agora, em nome da família, Luís Eduardo Maron Magalhães Filho para se pronunciar.

O Sr. LUÍS EDUARDO MARON MAGALHÃES FILHO:- (Lê) “Exm.^o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Angelo Coronel, na pessoa de quem saúdo os demais integrantes dessa Mesa, bem como todos os deputados e funcionários desta Casa. Agradeço a todos por abrigar esta cerimônia em memória de Luís Eduardo Magalhães, notadamente ao proponente Exm.^o Deputado Adolfo Viana, neste momento me permitam parafrasear o escritor, filósofo iluminista Voltaire, quando em célebre frase sentenciou que ‘todas as riquezas do mundo não valem um bom amigo’ tenho o privilégio, Deputado Adolfo, de tê-lo como meu melhor amigo e isso tem valor inestimável para minha pessoa, de modo que gostaria que recebesse os mais profundos agradecimentos de toda minha família pela proposição desta cerimônia. Muito obrigado meu amigo.

A adolescência é uma fase decisiva na vida de todo ser humano. É ali que começa a ganhar forma, de maneira definitiva, os contornos do caráter da pessoa

adulta. Por isso mesmo, é período de enorme sensibilidade, de muitos sentimentos contraditórios e conturbados e quando, mais do que nunca, a presença de uma família estruturada e o exemplo oferecido pelos pais são fatores decisivos, capazes de fazer com que a travessia desses tempos atribulados possa ser vencida com maior segurança e menor desgaste emocional.

Nessa fase da vida, sobretudo para os rapazes, a figura do pai ganha muitas vezes a dimensão de um ídolo, de um herói, sobretudo quando a relação entre os dois foi construída sobre a base sólida do carinho e da amizade. No meu caso, além da natural devoção filial, tinha ainda o privilégio e a honra de poder conviver e admirar de perto um dos grandes homens de seu tempo, Luís Eduardo Magalhães, isso me enchia de orgulho e entusiasmo.

Mas o destino pregou uma peça em minha vida, impedindo-me de seguir o processo normal de relacionamento entre um pai e um filho que mantinham uma relação estreita. Marcou irreversivelmente a minha existência e de toda a minha família e acabou impondo enormes desafios afetivos, de maneira repentina e precoce para todos nós.

O dia da morte de um pai é uma daquelas datas que, em qualquer momento da vida, ninguém é capaz de esquecer. Trata-se de um momento definidor, um marco divisório. Mas no meu caso, ainda um menino em formação, o fato de estar na órbita de uma figura estelar como Luís Eduardo fez com que recebesse a mais assustadora notícia da toda minha vida de uma forma que poucas, pouquíssimas pessoas poderiam estar preparadas para receber.

Lembro-me muito bem dos detalhes daquele dia, 21 de abril de 1998, feriado nacional de Tiradentes. Ouvi na televisão a inconfundível vinheta do plantão de notícias da *Rede Globo*. Na sequência a informação: o deputado Luís Eduardo Magalhães, meu pai, sofrera um infarto em Brasília após uma sessão de ginástica. Soube daquela trágica notícia juntamente com milhões de brasileiros. Para maioria absoluta dos telespectadores, aquela informação era apenas uma curiosidade, um tanto trágica, do noticiário político. Para minha família, aquilo significava o desmoronamento das nossas bases, a iminente perda do nosso ente mais querido, nosso exemplo. Para mim, pessoalmente, a perda da minha maior referência. Às 20 horas, recebi a pior notícia de toda a minha vida: meu pai está morto.

Somente quem desceu ao abismo de uma perda tão profunda e tão precoce sabe o que ela significa. Palavras nunca serão capazes de descrever a tristeza de encarar num esquife um pai jovem com quem havia falado no dia anterior. Não há como dimensionar a angústia que vi tantas vezes, durante tanto tempo, nos olhos da minha mãe ou o sentimento de perplexidade ininterrupta na expressão de minhas irmãs. Ou ainda a sombra do desespero que marcou, até o fim da vida, as interações com meu saudoso avô, Antônio Carlos Magalhães.

Porque Luís Eduardo – e tudo o que ele foi significa para nós – antes de tudo é um sentimento. Um sentimento de gratidão, pelo exemplo que ele nos legou. Um sentimento de perda profunda, pela forma precoce que fomos forçados a interromper nosso convívio. Um sentimento de saudade, por ser ele nosso pai. Um sentimento de

honra, por nos sentirmos determinados a preservar o que ele significou. Ao longo de toda sua vida e sobretudo depois da sua morte, sua dimensão maior sempre foi a imaterial, a transcendente, a intangível e, acima de tudo, a afetiva. Porque foi no sentimento do amor que se deu nosso convívio. E foi em outro sentimento, o da dor, que se deu nosso afastamento. Mas sempre foi o sentimento, sempre ele, o fio condutor do nosso vínculo. E sempre será.

Após um trauma dessa dimensão, espero que todos os pais e filhos não desperdicem nem um segundo dos momentos entre vocês; tenham a capacidade de transformar momentos ruins em bons ensinamentos; em vez de divergirem, amem desmedidamente; superem as adversidades e sejam felizes ininterruptamente. Em vida ainda é possível desfrutar desses sentimentos, não percam o célere e precioso tempo de vocês. Hoje, meu pai está morto e não tenho mais tal oportunidade.

Tragédias pessoais fazem parte da vida. Mas a vida nos reserva recompensas que somente a escala do tempo pode nos fazer perceber e aquilatar. Sim, perdi precocemente meu amado pai. Mas nesses 20 anos pude contar com o pilar sólido do amor da família que ele me legou. Na dor, minha mãe, Michelle, e minhas irmãs, Paula e Carol, foram e são o esteio onde aprendemos a nos consolar e consolidariam a ligação que nos une e nos unirá até o fim dos nossos dias. O homem público Luís Eduardo será lembrado pela história por muitas de suas virtudes. Meu pai nunca será esquecido por nós por ter nos amalgamado na família sólida e harmoniosa que ele sabiamente conseguiu construir como ser humano.

De 20 anos até hoje muitas coisas mudaram: o Brasil mudou, a Bahia mudou, eu pessoalmente mudei. Luís Eduardo, um estadista, deputado constituinte, soube ao seu tempo exercer uma liderança política com sabedoria e sem limitações partidárias, foi capaz de conviver com as diferenças e superá-las. Lutou pela estabilização da moeda e a concretização do Plano Real, pois sabia da importância do país superar a hiperinflação. Lutou pelas reformas que, até hoje, são pautadas diariamente na política nacional. Lutou pela valorização do Poder Legislativo a partir da produtividade ao presidir esta Casa e a Câmara dos Deputados.

Hoje, ao relembrar duas décadas sem o deputado Luís Eduardo, me enche de orgulho saber que ele estava certo em sua maneira de enxergar o Brasil. Muito dos seus ideais, a história provou estarem certos. O exemplo de ser possível mudarmos para melhor serve de aprendizado para todos.

Me sinto privilegiado por ter sido concebido por um estadista que tinha essa visão política, essa concepção de Brasil e da Bahia. Para mim, ele sempre será uma saudade e, sobretudo, um exemplo de homem, pai, cidadão e ser humano.

Muito obrigado, senhores.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Registro as presenças do ex-secretário da Fazenda Alberico Mascarenhas e do secretário municipal Sérgio Guanabara.

Neste momento, ouviremos o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Em 1998, eu, aqui nesta Casa liderando a Oposição, recebi a ligação de Otto Alencar e, logo em seguida, do deputado Luís Eduardo Magalhães dizendo: “Você tem uma missão, precisamos eleger Antônio Honorato presidente desta Casa.” Naquela mesma tarde, depois das palavras que derrubam qualquer montanha, de Otto e Luís Eduardo, me convenceram a sair da Liderança da Oposição e votar em Honorato para ser presidente desta Casa, numa eleição duríssima, talvez uma das mais duras dessa história. Reinaldo Braga, presente, e Marcelo Nilo, naquela época ainda, estava aqui representando este Poder.

Eu quero dizer aos senhores e às senhoras que esta Casa, todos os servidores – principalmente os mais antigos, que viveram a presidência e o período que Luís Eduardo passou por aqui – não vão ter condições de estar aqui falando, se congratulando com a família. Mas, em nome de todos eles, servidores, eu queria aqui me congratular com Michele; Luís Eduardo, o Duquinho; com Paula; com Carolina; com Arnaldo, seu genro; com Luís Eduardo, seu neto; com ACM Júnior, seu irmão; com todos os membros da família presentes, com os amigos, e dizer que toda perda, mesmo sendo há longo tempo atrás, ainda deixa uma lacuna, uma ferida no coração.

Neste momento, encerro esta sessão e convido todos para os cumprimentos no saguão do Plenário, ao lado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.